

vários anos vinham pondo em causa a autoridade colonial e perturbando a ordem e o comércio naquele território. Primeiro, contra os bijagós da ilha de Canhabaque (outubro de 1900), depois contra os rebeldes de Jufunco (março de 1901), na 2.ª guerra do Otjo (março de 1902) e na campanha do Arame (maio de 1903). A sua «pronta e enérgica submissão dos gentios», como foi descrita a sua ação, valeu-lhe um louvor e a condecoração com a Ordem da Torre e Espada. Foi também governador em Cabo Verde (27 de maio de 1911 a 14 de agosto de 1915) e em S. Tomé e Príncipe foi comissário do governo para a repatriação dos indígenas. Durante a I Guerra Mundial, em 1918, retornou a Moçambique, comandando o batalhão expedicionário da Marinha para ali enviado.

Ainda durante a guerra esteve em França para desempenhar funções na base de desembarque do Corpo Expedicionário Português (CEP) instalada em Brest. Em 1920 participou, como ministro da Marinha, nos governos de António Maria Baptista (8 de março a 6 de junho) e de José Ramos Preto, que substituiu o primeiro após a sua morte repentina (6 a 26 de junho). Experiência que repetiu três anos mais tarde, no ministério presidido por Ginstal Machado (15 de novembro a 18 de dezembro de 1923). Passou pelos Partidos Liberal e Nacionalista e foi candidato a senador por Aveiro (1925).

Além de ter comandado vários navios, dos quais se destaca o aviso *5 de Outubro*, Júdice Bicker foi comandante da Escola Prática de Torpedos e Eletricidade (outubro de 1923 a setembro de 1924) e da brigada de Mecânicos Navais (por proposta de 18 de agosto de 1925 até à data da sua morte). Quando faleceu, em 21 de janeiro de 1926, tinha o posto de capitão de mar e guerra.

**Bibliografia:** MARQUES, A. H. de Oliveira [et al.] (coord.), *Parlamentares e Ministros da 1.ª República (1910-1926)*, Lisboa/Porto, Assembleia da República/Edições Afrontamento, 2000, p. 120-121; PT/ACM/PI/cx 723 e 1406 – Joaquim Pedro Vieira Júdice Bicker; *Verbo-Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, Vol. III, Lisboa, Editorial Verbo, s.d., coluna 1321.

[João Tavares]

**BISSAYA BARRETO [ROSA], FERNANDO BAETA (1886-1974)**  
ver **BARRETO [ROSA] FERNANDO BAETA BISSAYA**

**BOMBARDA, MIGUEL AUGUSTO (1851-1910)**

Miguel Augusto Bombarda nasceu no Rio de Janeiro, em 1851. Foi contemporâneo do psiquiatra republicano Júlio de Matos com quem travou significativas polémicas, especialmente a propósito da questão da loucura penitenciária. Fez o curso de medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde foi aluno brilhante, e apresentou em 1877 a tese intitulada *Do delírio das perseguições*. Foi notável a sua carreira docente na mesma Escola, tendo contribuído decisivamente através dos seus dotes de pedagogo para a formação científica e filosófica de muitas gerações. Exerceu clínica no Hospital de S. José em Lisboa e foi diretor do Hospital de Rilhafóles onde orga-

nizou cursos livres de psiquiatria. Foi autor de trabalhos marcantes no domínio da Fisiologia, da Psiquiatria e da Sociologia, nos quais defende o primado do meio segundo a doutrina de Lamarck, inspirando-se no monismo de Ernst Hæckel. A sua obra é muito vasta e compreende centenas de textos, uns de maior profundidade, outros de natureza mais divulgativa, outros a suscitar forte polémica. Da sua obra recordamos *A vaccina da raiva* (1887), *Microcephalia* (1892), *Pasteur* (1895), *O delírio do ciúme* (1896), *A consciencia e o livre arbitrio* (1898, 2.ª ed. 1902), *Congresso contra a tuberculose* (1901), *Os neurones e a vida psychica* (1897), *A pellagra em Portugal* (1897), *La folie penitenciaire* (1898), *A sciencia e o jesuitismo* (1900), *La lutte contre la tuberculose au Portugal* (1901), *A bancarrota da psiquiatria* (1905), *Raças e meios* (1905). A sua obra de militância cientista (materialista monista), obra de combate à visão teológica do mundo e à metafísica vitalista marcou fortemente a cultura portuguesa até hoje. Miguel Bombarda lutou como um apóstolo contra a eugenia radical, contra todas as formas de seleção social e rática, contra o determinismo biológico. Também denunciou a fragilidade científica da teoria de Lombroso e muito particularmente a noção de degenerescência, invocando muitas incógnitas acerca da hereditariedade humana. Sempre confiou na flexibilidade do capital hereditário e no primado do meio, valorizando todos os fatores ambientais, desde o clima à educação aos fatores mesológicos intraorgânicos físico-químicos, seguindo de perto o neo-lamarckismo de Félix Le Dantec. Miguel Bombarda foi um médico-jornalista responsável pela visibilidade pública, social e política da figura do médico, do seu saber e poder higienista-social. Além de presidente da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e de presidente da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, integrou o Conselho Superior de Higiene, o Conselho de Medicina Legal e muitas outras sociedades científicas portuguesas e estrangeiras. Um momento ímpar das ciências médicas ocorreu em Lisboa, em 1906 com o XV Congresso Internacional de Medicina organizado por Miguel Bombarda. No quadro da Liga Nacional Contra a Tuberculose, Miguel Bombarda revelou-se também um combatente apaixonado e indomável com as suas aptidões excecionais para cumprir o ideal de medicina social. Mas os casos clínicos singulares também o seduziam como, por exemplo, o caso do homem-macaco (*lycanthropia hysterica*) que magistralmente estampou nas páginas de *A Medicina Contemporanea*. Também se empenhou na fundação da Escola de Medicina Tropical. A sua personalidade fulgurante e a sua vontade de ferro seduziram muitos dos seus contemporâneos entre os quais colegas que o biografaram como, por exemplo, António de Pádua, Silva Amado, Caetano Beirão, Mark Athias, Pinto de Magalhães, Augusto de Vasconcelos, Sobral Cid e, mais tarde, Barahona Fernandes, Seabra Dinis e tantos mais. Miguel Bombarda foi um militante republicano tardio de tendências socialistas. Era a «antítese» do seu colega e correligionário republicano de primeira hora que foi Júlio de Matos. Este médico-psiquiatra do Porto protagonizava a tendência ultraliberal e selecionista do republicanismo português. Miguel Bombarda defendia a legislação do trabalho, a socialização do solo, o imposto progressivo e também a separação da Igreja do Estado, o instituto do divórcio e todo um conjunto de medidas legislativas no âmbito da higiene social, tanto física como mental. Para Miguel Bombarda a questão social não era uma questão moral ou antropológica, era uma questão de meio social e também por isso o seu otimismo republicano era de tipo socialista. Finalmente, foi paradig-

mática a sua consciência do estado da ciência psiquiátrica do seu tempo. Em vários artigos plasmou a cumplicidade da psiquiatria do século XIX com a moral burguesa hegemónica. Este exceccional vulto da cultura, da ciência, da medicina e da política portuguesas conheceu uma morte trágica imposta por um seu doente na véspera do triunfo da revolução republicana. O final vitorioso da República ficou a dever muito à militância de Miguel Bombarda entre 1908 e 1910.

**Bibliografia:** ARAÚJO, Paulo, *Miguel Bombarda – Médico e político*, Lisboa, Caleidoscópio, 2007; PEREIRA, Ana Leonor, PITA, João Rui, *Miguel Bombarda (1851-1910) e singularidades de uma época*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006; PEREIRA, Ana Leonor, *Darwin em Portugal. Filosofia. História. Engenharia Social (1865-1914)*, Coimbra, Almedina, 2001.

[Ana Leonor Pereira e João Rui Pita]

### BONANÇA, JOÃO MIGUEL DA COSTA (1838-1924)

João Miguel da Costa Bonança nasceu em Lagos, a 19 de abril de 1838, e morreu em Lisboa, a 12 de abril de 1924. É ordenado sacerdote aos 23 anos (1861) e, um ano depois, deixa a cidade natal e muda-se para Lisboa, onde exerce o comissariado religioso da Ordem Terceira de S. Francisco e se notabiliza pela defesa dos ideais de liberdade e de progresso, sobretudo pelos seus artigos a favor da abolição da pena de morte, das liberdades de imprensa e de reunião, do casamento civil (*Contra a carta do Sr. Duque de Saldanha*, 1865) e da federação ibérica, bem como contra a venda das colónias (1868). Denota cada vez mais preocupações políticas e sociais ao escrever *Questões da actualidade* (1868), um conjunto de textos que apresenta os seus pontos de vista sobre «o imposto de consumo, a solução para o pauperismo, a descentralização, o iberismo, a separação do Estado e da Igreja, a liberdade de imprensa, os governos monárquico-constitucionais, o exército permanente, a realeza» (BAPTISTA, 34). Oito anos volvidos sobre a sua ordenação, é afastado da vida eclesiástica (1870), devido ao aprofundamento das divergências de pensamento entre si e a Igreja, materializadas pela sua aproximação ao grupo liberal progressista liderado pelo conde de Peniche e sua consequente participação na Revolta da Janeirinha (1868), e posterior alinhamento no pronunciamento do duque de Saldanha (1870), bem como na primeira greve moderna portuguesa conhecida por Pavorosa (1872). Considerando-se injustiçado pelo afastamento do sacerdócio, abandona a crítica moderada à Igreja Católica e torna-se anticlerical, acusando (em *A Religião e a Política*, 1870 e *O Século e o Clero*, 1872) o clero de viver na riqueza e na ociosidade, enquanto deixa o povo viver no obscurantismo e na miséria. Do mesmo modo, também evolui de moderado para crítico violento no que se refere ao constitucionalismo monárquico vigente em Portugal, defendendo uma nova organização da sociedade, nomeadamente na sua obra *Da reorganização social aos trabalhadores e proprietários* (1875). Este livro é, ao tempo, criticado, nomeadamente, por Teixeira de Vasconcelos no *Jornal da Noite*, por José Ribeiro Guimarães no *Jornal do Comércio*, e por António Rodrigues Sampaio no

*coleção* PARLAMENTO

DICIONÁRIO DE  
HISTÓRIA DA  
I REPÚBLICA E DO  
REPUBLICANISMO  
VOLUME I: A-E



## FICHA TÉCNICA

Título Dicionário de História da I República e do Republicanismo. Volume I – A-E

### Coordenação científica

Ana Paula Pires (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa)  
Carlos Cordeiro (Centro de Estudos Gaspar Frutuoso da Universidade dos Açores)  
David Luna de Carvalho (Centro de Estudos de História Contemporânea do ISCTE)  
Ernesto Castro Leal (Centro de História da Universidade de Lisboa)  
Hélder Adegar Fonseca (NICPRI – Núcleo de Investigação em Ciência Política e Relações Internacionais)  
Manuel Loff (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e Faculdade de Letras da Universidade do Porto)  
Maria Fernanda Rollo (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa)  
Paulo Fontes (Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa)  
Rui Ramos (Instituto de Ciências Sociais)  
Vitor Neto (Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra)

### Coordenação geral

Maria Fernanda Rollo (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa)

### Edição Assembleia da República – Divisão de Edições

Revisão e índices Assembleia da República – Divisão de Edições (Conceição Garvão, Fernando Sequeira, Maria da Luz Dias, Noémia Bernardo, Paula Crespo, Susana Oliveira, Teresa Fonseca)

### Capa e design Nuno Timóteo

Paginação e pré-impressão Textype e Ana Rita Charola

Impressão Rainho & Neves, Lda.

Tiragem 600 exemplares

ISBN 978-972-556-556-8 (obra completa)

ISBN 978-972-556-557-5 (volume 1)

Depósito legal 366 586/13

Lisboa, outubro 2013

© Assembleia da República

Direitos reservados nos termos do artigo 52.º da lei n.º 28/2008, de 30 de julho.

[www.parlamento.pt](http://www.parlamento.pt)

## ÍNDICE GERAL

Introdução .....	7
Textos (A-E) .....	11
Índices .....	1293
Índice de textos.....	1295
Índice de autores.....	1303
Índice de entidades.....	1307
Índice de publicações periódicas.....	1323
Índice geográfico .....	1329
Índice onomástico .....	1339